

Retração na indústria paulista

Demissões, férias coletivas e redução de jornada para equalizar estoques

por Ana Florence
e Neuza Serra
de São Paulo

A política de restrição ao consumo bateu de frente com o setor industrial. Os fabricantes de bicicletas, calçados, máquinas e a indústria têxtil estimam uma queda na produção de, em média, 30% entre maio e junho, se comparados com o início de abril. Em alguns setores a prática de férias coletivas e redução de jornada de trabalho está ficando comum, apesar de atípica nesta época do ano. E o motivo é o mesmo: equalização de estoques.

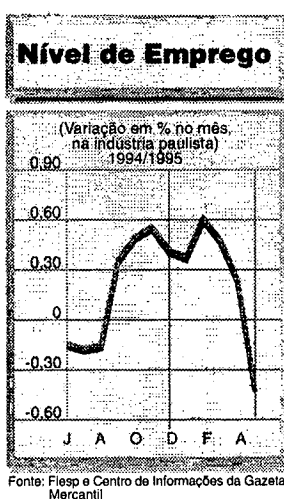
O nível de atividade da indústria paulista, em abril, caiu 4,1% em relação ao mês anterior, conforme pesquisa da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Em maio, a indústria paulista demitiu 9.976 trabalhadores sendo que 4,4 mil na última semana desse mês. Segundo o Departamento de Economia da FIESP, a indústria deu um salto e agora apresenta queda, o que é visto como uma acomodação de demanda. Para o segundo semestre, a FIESP prevê que o nível de atividade não será alto pois já coincide com meses do ano anterior com o Real em vigor.

O presidente da Abraciclo (Associação Brasileira das Indústrias de Bicicletas e Motocicletas), Franklin de Mello Neto, afirmou que a retração do setor de bicicletas em abril e maio é de 30%, para adequação de estoques. Mas esse mesmo setor batia recordes de produção até abril. As vendas nacionais, que há cinco anos atrás eram de 2 milhões de unidades em média, agora estão esbarrando em 4 milhões por ano.

No final de 1994, não ocorreram as tradicionais férias coletivas na Monark e Caloi. No entanto, nesse mês, a Caloi já concedeu férias a uma parcela de seus empregados e está revezando os turnos de trabalho. A Monark interrompe parcialmente, por uma semana, a partir desta segunda-feira, as linhas de montagem e acabamento de bicicletas.

As montadoras também diminuíram seu ritmo. Até então recordistas de produção já anunciam folgas para "desovar" os estoques. A Ford anunciou férias coletivas – de 17 a 26 de julho – para 5,7 mil dos 8,8 mil funcionários da unidade de São Bernardo do Campo. Com isso, a fabricante deixa de produzir 9,5 mil veículos.

Já a General Motors de São Caetano do Sul para par-



cialmente do dia 10 a 30 de julho. Espera, com isso, deixar de produzir 8 mil veículos.

No setor de máquinas, que demora para sentir a queda de consumo por trabalhar com encomendas, houve retração também de 30% em média, entre maio e junho, comparado com março. A expectativa de crescimento de 15% em 1995 já está sendo reavaliada após abril, segundo o presidente da Associação e Sindicato da Indústria de Máquinas e Equipamentos. Abimaq/Sindimaq, Sérgio Magalhães.

“Maio foi um desastre completo e em junho as indústrias estão paradas”,

afirmou o presidente do Sindicato da Indústria Têxtil, Luiz de Medeiros. A estimativa é de retração de 30% na produção.

Apesar da crise do setor têxtil, a Lupô S.A., fabricante de meias e cuecas, está mantendo neste mês o mesmo volume de vendas de maio quando foram vendidas 450 mil dúzias, para um faturamento de 320 mil dúzias. Valquírio Ferreira Cabral, gerente comercial da Lupô, diz que a empresa tem pedidos em carteira para 50 dias. Ele explica que esses pedidos de janeiro a abril eram de noventa dias. Em maio, a queda foi para sessenta dias.

No primeiro trimestre deste ano as vendas cresceram 100% em relação ao mesmo período do ano passado, mas a empresa trabalha para se adequar a um crescimento de 20%.

A Indústrias Gessy Lever Ltda., fabricante de produtos de higiene e limpeza, vendeu de janeiro até agora 10% a mais em relação ao mesmo período de 1994. A empresa está trabalhando com 80% da sua produção e pretende vender durante este ano de 7 a 8% a mais do que no ano anterior, afirmou Ronaldo Rodrigues, diretor de assuntos corporativos.

O setor de calçados tem tido um dos maiores problemas com o desaquecimento da demanda. A capacidade ociosa é de 75 a 80%, segundo o presidente do Sindicato das Indústrias de Calçados de São Paulo, Sebastião Borbulhan. O setor demitiu 60 mil trabalhadores de janeiro a abril. Para Borbulhan, “não há mais o que piorar”.

Franz Reimer, diretor do Departamento de Economia da Associação Brasileira da Indústria de Eletroeletrônica (Abinee) diz que as vendas declinaram no mês de maio, com esse quadro confirmando-se no mês de junho. Segundo ele, a queda não foi sentida no setor de equipamentos industriais, mas houve retração de materiais elétricos de instalação neste mês. Reimer acredita que ainda há demanda reprimida na linha de geladeiras.

No entanto, a Multibrás, que reúne as marcas Brastemp, Semer e Consul, decidiu dar férias coletivas nas linhas de produção de geladeiras e freezers de uma porta.

Com a queda das vendas em maio e junho, a Gradiente começou no último domingo a liquidação do seu estoque de equipamentos de áudio e vídeo.